

Maria Manuel Lisboa

UMA MÃE DESCONHECIDA  
AMOR E PERDIÇÃO EM EÇA DE QUEIRÓS



temas portugueses

*Este livro é dedicado à Laura.  
Como sempre.*

### *Agradecimentos*

Este livro é a conclusão de dois anos difíceis da minha vida, e não teria sido de todo possível sem a existência, presença, ajuda e carinho do meu marido e filha, de tios e avô, primos e amigos, aqui e aí, ali e acolá (the usual suspects; you know who you are).

Fico muito grata a bolsas concedidas pela Arts and Humanities Research Council (AHRC) e St. John's College Cambridge, que facilitaram a licença sabática durante a qual terminei este trabalho.



Arts & Humanities  
Research Council

## INTRODUÇÃO

# LÍNGUAS DE SOGRA

Se não descobrirmos nada agradável, pelo menos havemos de descobrir algo de novo.

FRANÇOIS-MARIE VOLTAIRE

Odeio as pessoas que têm cães. São cobardes que não têm a coragem de morder por si.

AUGUST STRINDBERG

Começar a pensar é começar a entrar pela via da autodestruição. A sociedade tem pouco a ver com esses começos. O vírus encontra-se no coração do homem.

ALBERT CAMUS

Um dos enigmas que a meu ver rodeiam Eça é a raridade com que o seu olhar acutilante leva os seus admiradores a perguntarem-se: «O que pensaria ele de mim?», ou, mais especificamente: «Como zombaria ele de mim?» Um colega português especialista em Eça a quem fiz a primeira pergunta pensou, não sem um certo narcisismo e com considerável falta de introspecção, que a pergunta se referia não a si como ser humano, mas ao seu trabalho: «O que pensaria Eça de mim como crítico queirosiano?» À segunda pergunta não reagiu, ou não entendeu, ou fingiu que não entendeu. E talvez tenha feito bem, porque a primeira referia-se ao Eu não como intelectual mas como ser humano. E a segunda também. Quem junta trapinhos profissionais com Eça pode esperar muita risota, mas também alguns arames farpados. Falando por mim, ninguém me avisou, e de vez em quando, olhando-me ao espelho ao som de uma fantasmagórica risadinha do autor, sinto-me inquieta. Como me senti também, embora de forma diferente, quando há já uns anos, ao discutir com outra colega portuguesa um outro livro sobre o escritor em que andava nessa altura a matutar, ela me perguntou se eu tinha pedido licença para escrevê-lo a certos queirosianos encartados. Primeiro não entendi. Depois entendi e fiquei sufocada. De riso. A única alternativa era ficar sufocada de raiva, mas a chacota é sempre mais produtiva. E mais destrutiva, como muito bem

entenderam Aristóteles, Bakhtin e Umberto Eco, para não falar do próprio Eça, quando comentaram o poder da zombaria e do carnaval com o fim de fomentar a dissidência:

É essa a diferença que assinala a distinção entre comédia e tragédia; visto que a comédia tem o objectivo de representar os homens como piores do que eles realmente são, e a tragédia como melhores. [...] [A] comédia apresenta os piores tipos de homem; piores, contudo, não no sentido de ela abranger quaisquer ou todas as espécies de baixeza, mas no sentido de que o ridículo é uma espécie de fealdade ou baixeza.<sup>1</sup>

A tradição medieval da paródia sacra [...] incluía a degradação ritualística dos poderes vigentes. [...] Ao riso ímpio ou carnavalesco, ao travesti, quase tudo era permitido [...] sendo a sua função a de oferecer uma alternativa ao discurso oficial [...] e a desautorização do discurso autoritário por via da caricatura e do ridículo.<sup>2</sup>

E Umberto Eco, ao dramatizar n' *O Nome da Rosa* o problema do riso (conforme aristotelicamente entendido) como contendo um potencial não só dessacralizador como corruptor, diz-nos pela boca do mortífero Jorge o seguinte:

O riso abana o corpo, distorce as feições do rosto, torna o homem semelhante ao macaco. [...] Com o riso o idiota diz no seu coração «*Deus non est*». [...] O riso é a fraqueza, a corrupção, a imprudência da carne. [...] O riso é uma baixeza, a defesa dos simples, um misté-

---

<sup>1</sup> Aristóteles, «The Art of Poetry», in *Aristotle/Horace/Longinus: Classical Literary Criticism*, Londres, Penguin Classics (1965), 33 e 37. Tradução nossa.

<sup>2</sup> M. M. Bakhtin, «From the Prehistory of Novelistic Discourse», in *The Dialogic Imagination: Four Essays*, trad. de Michael Holquist, Austin, University of Texas Press (1981), 41-83.

rio desconsagrado para os plebeus. [...] Que o riso é próprio do homem é um sinal da nossa mediocridade, pecadores que somos. [...] No dia em que a palavra [de Aristóteles] justificasse a zombaria da imaginação debochada, ou quando aquilo que é marginal passasse a ser fundamental, qualquer vestígio do centro perder-se-ia. [...] Se um dia, alguém, brandindo as palavras do Filósofo, e por conseguinte falando como um filósofo, erguesse a arma do riso ao estatuto de uma arma subtil, se a retórica da convicção fosse eclipsada pela retórica da chacota, se [as] imagens de redenção fossem substituídas pelo derrubar de todas as imagens sagradas e veneráveis [...] nesse dia toda a sabedoria seria aniquilada.<sup>3</sup>

Ou talvez não toda, apenas aquela que ao autocratismo mais convém. Em *Eça*, de modo análogo, aquela inevitabilidade cômica — que tem sido alternativamente interpretada pelo próprio e pela crítica ou como arma de condenação reformista («fazer o quadro do mundo moderno, nas feições em que ele é mau [...] sentimental, devoto, católico, explorador, aristocrático, etc. [...] e apontando-o ao escárnio, à gargalhada, ao desprezo do mundo moderno e democrático — preparar a sua ruína»)<sup>4</sup>, ou como sintoma de lamentáveis limitações estéticas por parte de um autor que quis mas não conseguiu ser verdadeiramente trágico — talvez adquira afinal uma dimensão de complexidade adicional/diferente/oposta. N’*Os Maias*, Eça diz-nos que

o que ainda tornava a vida tolerável era de vez em quando uma boa risada. Ora na Europa o homem requintado já não ri — sorri geladamente, lividamente.

---

<sup>3</sup> Umberto Eco, *The Name of the Rose*, Londres, Picador (1984), 231-232 e 474-476. Tradução nossa.

<sup>4</sup> Guilherme de Castilho (org.), *Eça de Queirós: Correspondência*, vol. 1 (carta a Rodrigues de Freitas, 30 de Março de 1878), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda (1983), 142.

Só nós aqui, neste canto do mundo bárbaro, conservamos ainda esse dom supremo, essa coisa bendita e consoladora — a barrigada de riso!...<sup>5</sup>

A barrigada de riso talvez console mas também define um povo que, segundo Ega e Eça (por via de Herbert Spencer e Oliveira Martins), estava condenado à mediocridade de uma condição internacionalmente periférica, e eventualmente à extinção. Referindo-se ao objectivo da publicação d'*As Farpas*, Eça observou que «o riso é a mais antiga e ainda a mais terrível forma da crítica. Passe-se sete vezes uma gargalhada em volta duma instituição e a instituição alui-se»<sup>6</sup>. Mais perfidamente, porém, o criador do Conselheiro Acácio talvez tenha tentado os seus estudantes, estudiosos e leitores com a opção do riso como instrumento de reforma, sim, e de um projecto social ao qual eles ficassem honrosamente associados, mas também como armadilha por via da qual os satirizava sem piedade. Pelo vasto consenso da crítica queirosiana, a farsa em Eça tem sido largamente interpretada como sintomática das limitações de um autor para quem a verdadeira tragédia representara o *ne plus ultra* da sua capacidade criativa. Segundo a leitura a ser agora desenvolvida, porém, o riso em Eça, além de arma de reforma social, teria ademais sido ainda o instrumento da humilhação que aos olhos do autor o público oitocentista merecia, e agora sofria, ao ver sonegadas a grandeza, a elevação e a catarse da tragédia<sup>7</sup>. Em vez dessa catarse purificadora e

---

<sup>5</sup> Eça de Queirós, *Os Maias*, Lisboa, Edição Livros do Brasil (s. d.), 700. Todas as citações desta obra se referem a esta edição e a indicação do número de página será intercalada no texto.

<sup>6</sup> Citado em Agostinho dos Reis Monteiro, *Ideologia Pequeno-Burguesa de Eça de Queirós*, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Edições O Professor (1977), 38-43.

<sup>7</sup> Maria Manuel Lisboa, «Uma caixa de charutos, uma caixa de fósforos ou como o mundo acaba: a risada vingativa de Eça», in *Teu Amor Fez de Mim um Lago Triste*, Porto, Campo das Letras (2000), 333-394.



pedagógica, Eça falcatruou porventura os seus leitores com a gargalhada alvar que amesquinha quem se ri e o assemelha àquele macaco que, darwinisticamente *à la mode*, esses leitores se ufanavam de ter ultrapassado. A insistência, por parte de Eça, na farsa que invariavelmente frustra o pranto aparece então, segundo esta leitura, como sendo não o resultado das limitações criativas que a crítica lhe tem atribuído (aquilo que João Gaspar Simões denominou a sua «deformação satírica»<sup>8</sup>), mas antes uma decisão lúcida, vingativa e castigadora. A campanha até certo ponto alegre (mas também profundamente triste) contra a estupidez e o dogmatismo nacionais definiu a obra de uma vida que aos intelectuais seus contemporâneos (e não só) rejeita ou como ditadores *de pôche* ou como implicados por cobardia nessas ditaduras:

Dobremos a cabeça sobre a nossa ignorância e sobre a nossa inércia, e deixemo-nos apodrecer, mudos, vis, inertes, na torpeza moral e no tédio.<sup>9</sup>

Ou então como meninos de grande promessa e pouca remessa, «génios com escritos», tal como Fradique, cujo cérebro era «admiravelmente construído e mobilado. Só lhe [faltava] uma ideia que o alugasse, para viver e governar lá dentro»<sup>10</sup>.

A «condenação ao riso» vem a ser vista aqui como a imposição do modo comportamental que o autor, desiludido com a sua contemporaneidade, considerou porventura como o mais

---

<sup>8</sup> João Gaspar Simões, *O Homem e o Artista*, 2.<sup>a</sup> ed., revista e aumentada, Lisboa, Arcádia (s. d.), 388.

<sup>9</sup> Eça de Queirós, *Uma Campanha Alegre*, in *Obra Completa*, vol. 3, Porto, Lello & Irmão (1979), 1007. Todas as citações desta obra se referem a esta edição e a indicação do número de página será intercalada no texto.

<sup>10</sup> Eça de Queirós, *A Correspondência de Fradique Mendes*, Lisboa, Edição Livros do Brasil (s. d.), 112-113. Todas as citações desta obra se referem a esta edição e a indicação do número de página será intercalada no texto.

adequado a uma sociedade e a uma época imerecedoras de participação nos nobres parâmetros da tragédia, e a quem ele ofereceu antes a retórica degradada da comédia.

Será de mim que ele se está a rir? É certo que no rasto de Eça alguma crítica automeçada enquanto proprietária da obra queirosiana, e cujo tipo antropomórfico resume uma mistela em igual medida banal e implicativa de Padre Natário, André Cavaleiro e Titi Patrocínio, tem de longa data (mais de um século) tentado amestrar este irreverentíssimo e fugidio mestre. Seria então afinal de contas o caso que o pobre Eça, tendo batalhado tanto e suado tantas estopinhas de irreverência e desacato, tivesse fracassado de modo tão flagrante justamente com aqueles que mais atentamente proclamavam e proclamam lê-lo? Eça, de entre todos os seus colegas escritores num superanalítico século, impõe-se como *primus inter pares* da arte de nos encorajar a refilar. Inclusive, e nem sempre só de raspão, pela via da irascibilidade mal contida e de manguitos oportunos feitos a uma série de reis que, como ele muito bem sabia, quase invariavelmente vão nus. Vão nus, ou pior, visto que às vezes, dentro das roupas, não havia nenhum rei. Encorajamos a refilar, e tenta emancipar-nos (tantas vezes, ao que parece, sem sucesso), de conformismos, vassalagens e abjecções perante autoridades sem legítimo mandato (sejam elas políticas, governamentais ou intelectuais: vai tudo dar ao mesmo).

Uma nação só vive porque pensa. *Cogitat ergo est.*  
[...] [U]ma nação, portanto, só tem superioridade porque tem pensamento.<sup>11</sup>

Por fim a verdadeira tragédia de um escritor que, contra as doutrinas de tantos dos seus seguidores, foi afinal ele próprio um grande e complexo autor trágico, foi a de saber que, quase sempre, os povos têm os governos (ou os intelec-

---

<sup>11</sup> *Fradique Mendes, cit., 112-113.*

tuais) que merecem<sup>12</sup>. Se não fôssemos bem mandados, que nos fariam eles? Chamavam a polícia? E se, contrariamente, fôssemos bons meninos? Que pensaria Eça de nós, que, ao que parece, tão pouco aprendemos com ele? Se, como quer uma valiosamente rezinguenta sua apreciadora, *Os Maias* é «um livro sobre o destino» e sobre «um país que não se regenera»<sup>13</sup>, não será que todos os seus outros livros o são também? *Os Maias* é um livro sobre nós e sobre a pátria, escrito com ver-rina e com língua de sogra (segundo o padrão daquela mãe/sogra de pesadelo que foi Maria de Monforte), e, acima de tudo, com a coragem de quem, perante as reclamações de uma burguesia *epatée* e de uma *inteligensia* alternativamente cautelosa, intimidada, conformista, autocrática e indignada, sempre se recusou a curvar a espinha.

Nos capítulos que se seguem são abordados vários temas centrais ao projecto ideológico de Eça *vis à vis* problemas, instituições, intenções e lugares-comuns da Coisa Pública entendida como a trindade de Deus, Pátria e Família: moralidade pública (absolutismo e liberalismo, religião e secularismo, Igreja e Estado, cidadania e nacionalidade), moralidade sexual (casamento e adultério, maternidade e paternidade, virtude e pecado, amor e traição, família e incesto), e a forma como estes fenómenos e processos se infiltram uns nos outros, na existência de quem os vive e no entendimento que a nação tem de si. Ou, nas palavras de Woody Allen, tudo o que sempre quisemos saber sobre sexo (e, diríamos nós agora, sobre tudo o resto) mas sempre tivemos medo de perguntar<sup>14</sup>. Em suma, quem somos nós?

---

<sup>12</sup> Joseph de Maistre, *Lettres et opuscules inédits du comte Joseph de Maistre précédés d'une notice biographique par son fils le comte Rodolphe de Maistre*, Paris, Vaton (1851).

<sup>13</sup> Maria Filomena Mónica, *Eça de Queirós*, Lisboa, Quetzal Editores, 217 e 228.

<sup>14</sup> Woody Allen, *Everything You Always Wanted to Know About Sex\* But Were Afraid to Ask* (1972).

Eça respondeu a esta pergunta não só em escritos polémicos e em correspondência azeda e/ou desesperada, como sinodoicamente, por via de uma obra que no microcosmo da família pretendia nada menos do que resumir a nação. Numa já muito citada (e extremamente pouco entendida/atendida) carta a Teófilo Braga, o futuro criador de um Ega-a-haver torna-se claro:

A minha ambição seria pintar a sociedade portuguesa [...] e mostrar-lhe, como num espelho, que triste país eles formam — eles e elas. [...] É necessário acutilhar o mundo oficial, o mundo sentimental, o mundo literário, o mundo agrícola, o mundo supersticioso — e com todo o respeito pelas instituições que são de origem eterna, destruir *as falsas interpretações e falsas realizações* que lhes dá uma sociedade podre.<sup>15</sup>

Quem somos nós, então? Quem era ele? Como diriam as nossas avós, no caso de Eça, era um impertinente com língua de perguntador. Mas quem, como Eça, tem língua de perguntador, embora mereça muitos castigos, não merece necessariamente o castigo supremo: nomeadamente, que os seus interlocutores lhe façam tão sistematicamente ouvidos de mercador.

Seja como for, continuando com a pergunta «quem somos nós?», e pressupondo referir-se esse «nós» à comunidade de indivíduos que no seu todo constituem a família, a comunidade e a nação, para Eça, como arguiremos ao longo dos capítulos que se seguem, no centro do triângulo de poder em cujos vértices se encontra o triunvirato de Religião (não necessaria-

---

<sup>15</sup> Carta de Eça a Teófilo Braga datada de Newcastle, 12 de Março de 1878, Eça de Queirós, *Correspondência* (coordenação, prefácio e notas de Guilherme de Castilho), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda (1983), vol. 1, 135. Ênfase do autor.

mente Deus, mas a Igreja), Pátria (Governo, e, com ou sem concordatas, de novo a Igreja) e Família (ou *Pater Familias*), situa-se, no autor de *Os Maias*, uma mãe em medida análoga oficialmente despojada de poder e por ele clandestinamente plenipotenciada para a destruição.

O desencanto, presente até já nas obras embriónicas, perante a bancarrota dos ideais do Positivismo, Secularismo, Republicanismo e Socialismo, encontra em Eça expressão polimórfica. E, como a caridade bem entendida começa por casa, os assaltos reformistas a um *status quo* decadente que na carta supracitada o autor d'*As Farpas* deplorava adoptaram, entre outros alvos, a família enquanto instituição, em todas as suas permutações e perversões: microcósmicas, macrocósmicas, domésticas, comunitárias, sociais, históricas, metafóricas, autoritárias e religiosas. E no cerne da família, de um modo geral, para Eça encontrava-se sempre a mãe: mãe de Deus ou dos homens, de filhos ou de filhas, boa ou má, perversa ou protectora, ícone religioso, anjo da guarda, dissidente, assassina, tabu ou objecto de desejo.

Oliveira Martins, amigo do peito, Alexandre Herculano, precursor a quem Eça não resistiu a dar picadinhas<sup>16</sup>, e Machado de Assis, que lhe deu não picadinhas mas uma famosa punhalada<sup>17</sup>, todos eles, de modos diferentes, uniam-se a Eça no entendimento dos atractivos e perigos da mãe («aquela extraordinária mãe que o Diabo lhe deu», 617) relativamente ao seu filho.

---

<sup>16</sup> «[Carlos] viveu semanas banhado na poesia áspera e tumultuosa do primeiro amor adúltero. Infelizmente a rapariga tinha o nome bárbaro de Hermengarda; e os amigos de Carlos, descoberto o segredo, chamavam-lhe já 'Eurico, o Presbítero' e dirigiam para Celas missivas pelo correio com este nome odioso.» Eça de Queirós, *Os Maias*, cit., 93.

<sup>17</sup> Joaquim Maria Machado de Assis, «Eça de Queirós: O Primo Basílio», in *Obra Completa*, vol. III, Rio de Janeiro, Editora José Aguilar (1962), 903-913.

Filho, na boca palavras doces; no coração palavras danadas. Mas que importa, se és meu filho?<sup>18</sup>

Gerados no seio de mães, nós, homens, agitamo-nos na atmosfera eterna do feminino. Entre o ventre donde saímos e o túmulo onde vamos decompor-nos, entre os dois nada que limitam a nossa existência de efémeros, vivemos de amor e por amor.<sup>19</sup>

Antes da sociedade, antes da família, antes das artes e do conforto, [...] antes, muito antes do primeiro esboço de civilização, toda a civilização estava em germen na mulher. Nesse tempo ainda não havia pai, mas já havia mãe. O pai era o varão adventício, erradio e fero que se ia, sem curar da prole que deixava. A mãe ficava; guardava consigo o fruto do seu amor casual e momentâneo, filho de suas dores e cuidados; mantinha-lhe a vida. [...] Se quereis procurar a mulher, é preciso ir até lá, até esse tempo [...]. Achá-la-eis na origem do homem e no fim dele; [...] ela é quem transmite a porção intelectual do homem.<sup>20</sup>

Mais-que-tudo e Nada absoluto, na nossa origem e no nosso fim está sempre a mãe: mãe boa ou má, presente, omnipresente ou ausente, nata ou desnaturada, objecto de ódio ou de desejo, fonte de vida ou ponto de aniquilação, vítima ou assassina, virgem ou puta, pátria antropomórfica ou parente historicizada: sejam elas quem ou o que forem, de algum modo, mãe, felizmente ou infelizmente, há só uma.

Nacional/imperialmente falando, somos o que somos porque fomos onde fomos. Ou com maior exactidão, e nas imortais (ou excessivamente mortais) palavras de Correia de Oliveira,

---

<sup>18</sup> Alexandre Herculano, «A Dama Pé de Cabra — Rimance de um Jogral (Século XI)», in *Lendas e Narrativas*, tomo II, Lisboa, Livraria Bertrand (1981), 60.

<sup>19</sup> Oliveira Martins, *História da República Romana*, Lisboa, Bertrand (1885).

<sup>20</sup> Joaquim Maria Machado de Assis, «Cherchez la femme», in *Obra Completa*, vol. III, cit., 1003-1004.

poeta de antigos regimes: «Porque fomos é que somos! Porque fomos é que vamos!»<sup>21</sup> Ou talvez não, visto que, para entender um efeito, convém primeiro entender a sua causa ou a sua origem. Seja como for, quer reaccionários como Correia de Oliveira, quer desiludidos como Eça e Ega, os poetas têm sempre alguma utilidade, visto que, seja com repelente sicofantismo, seja «com ferocidade e [malhando] sobre o país»<sup>22</sup>, abrem novos debates sobre preocupações supostamente nacionais e pessoais mas que no entanto, e curiosamente, tantas vezes se esqueceram da mãe/pátria de onde provimos. Porquê, então, com tão excelente companhia, não o faremos nós também? Vamos e somos, somos e vamos. Ainda resta muito para dizer acerca da carnificina complexa, impiedosa e detalhada empreendida por este autor contra instituições sacrossantas e problemas interditos: maternidade, paternidade, adultério, blasfémia, incesto, fé e religião (não são a mesma coisa), e a infiltração de todos estes fenómenos no pelouro da família e da vida privada, com o objectivo de alcançar o domínio da nacionalidade, da comunidade e do sentido de nós que em todos estes pelouros prevalece. E é isso que em parte — porque é sempre apenas em parte que isso se consegue fazer — os ensaios que se seguem pretendem desenvolver. Com ou sem licença. Porque mesmo sem licença, nunca ninguém impediu Eça de voar, e, dentro dos limites do possível, convém tentar seguir-lhe o exemplo.

*He who binds to himself a joy  
Does the winged life destroy;  
But he who kisses the joy as it flies  
Lives in eternity's sunrise.*<sup>23</sup>

---

<sup>21</sup> Correia de Oliveira, «IX», in Francisco José Viegas (ed.), selecção de Pedro Mexia, *Memória Dividida: Poesia de antes e de depois do 25 de Abril*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, Casa Fernando Pessoa e Editorial Teorema (1999), 26.

<sup>22</sup> *Os Maias*, cit., 110.

<sup>23</sup> William Blake, «Eternity», in *The Complete Poems*, Londres, Penguin Books (2004), 158.

## CAPÍTULO 1

### A PUTA QUE OS PARIU

A cadela que o pariu está outra vez em cio.

BERTOLT BRECHT

Não confio em nenhuma criatura que sangra  
uma semana por mês e não morre.

*In the Company of Men*

Desejou que ela fosse como a mãe — ou pior,  
toda livre, com vestidos garridos, uma cuia impu-  
dente, traçando a perna e fitando os homens, uma  
fêmea fácil como uma porta aberta.

*O Crime do Padre Amaro*



## NÃO TRACES A PERNA

*Pater semper incertus est, mater sed certissima*<sup>1</sup>. Quem é pai é sempre duvidoso, a mãe é sempre certíssima. A mãe (certa como a morte) sabe-se sempre quem é; o pai, só confiando no que a mãe diz. Excepto, está claro, quando é ao contrário, como foi o caso, já é sabido, de Eça de Queirós, de cuja certidão de nascimento constava o seguinte: «José Maria, filho natural de José Maria de Almeida de Teixeira de Queirós e de mãe incógnita.»<sup>2</sup> Com um começo destes, só se pode acabar ou muito bem (lá diz o ditado que os deuses favorecem os bastardos, quanto mais, pressupõe-se, o bastardo a quem é a mãe e não o pai que renega), ou muito mal (com uma mãe destas, quem precisa de inimigos?). Interrompamo-nos aqui para ficarmos um momento a olhar para ontem. Em todos os nossos ontens há uma mãe, boa ou má, nata ou desnaturada, *madonna/putana*. Uma mãe ou uma avó, que, segundo ou-

---

<sup>1</sup> Ditado popular romano.

<sup>2</sup> João Gaspar Simões, *Eça de Queirós: a Obra e o Homem*, Lisboa, Editora Arcádia, 10; Maria Filomena Mónica, *Eça de Queirós*, Lisboa, Quetzal Editores (2001).

## ÍNDICE GERAL

|  |     |
|--|-----|
| <i>Agradecimentos</i> .....  | 9   |
| INTRODUÇÃO — LÍNGUAS DE SOGRA .....  | 11  |
| CAPÍTULO 1 — A PUTA QUE OS PARIU .....   | 25  |
| CAPÍTULO 2 — OS CRIMES DO PADRE AMARO ou DONOS DE<br>CASA: QUANDO DEUS FEZ O HOMEM À SUA IMAGEM        | 59  |
| CAPÍTULO 3 — ESPÍRITO SANTO OU MÃE-DE-SANTO? VENHA<br>O DIABO E ESCOLHA .....                          | 101 |
| CAPÍTULO 4 — AS FADAS A SÉRIO NÃO VIVEM EM ÁRVORES:<br>ELUSIVIDADE/ILUSIVIDADE HISTÓRICA NO ÚLTIMO EÇA | 137 |
| CONCLUSÃO — PENSANDO BEM .....   | 203 |
| <i>Bibliografia</i> .....  | 207 |
| <i>Índice onomástico</i> .....   | 211 |

## Colecção TEMAS PORTUGUESES

*Últimas obras publicadas:*

REPERTÓRIO TEATRAL NA LISBOA OITOCENTISTA  
(1835-1846)

Ana Clara Santos e Ana Isabel Vasconcelos

O TEATRO DE GOLDONI NO PORTUGAL DE SETECENTOS

Maria João Almeida

ESCRITORES PORTUGUESES DO SÉCULO XX

Nelly Novaes Coelho

LUZ E SOMBRAS NO SÉCULO XIX EM PORTUGAL

António M. Machado Pires

A RAZÃO APAIXONADA

HOMENAGEM A FERNANDO GIL

AA. VV.

«POR ACAZO HUM VIAJANTE...»

A VIDA E A OBRA DE CATARINA DE LENCASTRE,

1.<sup>a</sup> VISCONDESSA DE BALSEMÃO (1749-1824)

Maria Luísa Malato Borralho

O BARÃO, DE BRANQUINHO DA FONSECA: DE SUA FORTUNA  
CRÍTICA A UM ESTUDO TEMÁTICO COMPARATIVO

José Maria Rodrigues Filho

*Apresentação de Maria Aparecida Santilli*

2 vols.

PRINCÍPIO E MANIFESTAÇÃO

METAFÍSICA E TEOLOGIA DA ORIGEM EM TEIXEIRA DE PASCOAES

Paulo Borges

2 vols.

O PENSAMENTO POLÍTICO, SOCIAL E ECONÓMICO  
DE BASÍLIO TELES

Maria do Rosário Machado

UMA MÃE DESCONHECIDA

AMOR E PERDIÇÃO EM EÇA DE QUEIRÓS

Maria Manuel Lisboa